



■ CONSOLIDAÇÃO DA DEMOCRACIA INTERNA

XIII Congresso da UNITA começa hoje

Luanda acolhe o quinto conclave da UNITA após a morte de Jonas Savimbi e o primeiro sem a candidatura de Isaías Samakuva. A expectativa está em saber quem será o terceiro presidente da história do maior partido da oposição

Amélia Judith Ernesto, coordenadora da Comissão Eleitoral do XIII Congresso Ordinário da UNITA, aquando do sorteio para o posicionamento dos candidatos no boletim de voto

Bernardino Manje

A UNITA dá, a partir de hoje, mais um passo no processo de consolidação da democracia interna, ao realizar o XIII Congresso Ordinário do partido, que decorre sob o lema “Patriotismo, coesão e cidadania”.

Trata-se do quinto congresso após o passamento do fundador do partido, Jonas Malheiro Savimbi, e o primeiro sem a concorrência do presidente cessante, Isaías Henrique Gola Samakuva, que deverá continuar na política activa como futuro autarca ou deputado à Assembleia Nacional.

Depois de 16 anos à frente dos destinos da UNITA (correspondentes a quatro mandatos de quatro anos), Isaías Samakuva deixa o lugar para um dos cinco candidatos que se perfilam à sua sucessão. Trata-se do vice-presidente cessante, Raul Manuel Danda, o secretário para as relações internacionais e porta-voz cessante do partido, Alcides Sakala Simões, o presidente e 1º vice-presidente do grupo parlamentar, Adalberto Costa Júnior e Estêvão José Pedro Kachiungo, respectivamente, bem como o antigo secretário-geral Abílio

Kamalata Numa.

O XIII Congresso Ordinário da UNITA passa a ser o bem mais disputado da história do partido, seja pelo número de concorrentes, seja pelo perfil de cada um

Depois de 16 anos à frente dos destinos da UNITA (correspondentes a quatro mandatos de quatro anos), Isaías Samakuva deixa o lugar para um dos cinco candidatos que se perfilam à sucessão.

Elogios à gestão de Samakuva

Isaías Samakuva, 73 anos, deixa a liderança da UNITA, 16 anos depois de a ter assumido. Após quatro mandatos consecutivos, figuras de proa do partido fazem um balanço positivo da gestão do líder cessante.

Em Outubro de 2017, quando Samakuva anunciou que abandonaria a liderança do partido, José Samuel Chiwale, co-fundador da UNITA, disse que o presidente cessante deixava um legado ímpar.

“Quando nos sentíamos órfãos e perdidos, foi Samakuva quem juntou, novamente, a UNITA e agigantou-a até este ponto”, considerou, na altura, à Voz da América, o deputado e general na reserva, referindo-se ao momento que se seguiu à morte de Jonas Savimbi.

Para José Chiwale, que apoia a candidatura de Adalberto Costa Júnior para a

liderança da UNITA, a retirada de Isaías Samakuva “é, também, uma lição de democracia para Angola”.

Alcides Sakala, que corre para o lugar a ser deixado por Samakuva, considera que este merece uma vénia, pelo contexto em que encontrou o partido. “Samakuva é um homem ponderado, ouve toda a gente antes de tomar decisões”, caracteriza Sakala, lembrando que “não foi fácil substituir Jonas Savimbi”.

“Pela forma como uniu e reergueu de novo a UNITA e a manteve como está hoje, precisamos fazer uma vénia a Samakuva porque outros partidos históricos em África sucumbiram”, exortou, na altura, o agora candidato, que, em caso de vitória, promete preservar a memória de Jonas Malheiro Savimbi e o legado do presidente cessante.

Pode haver segunda volta

A eleição para o novo presidente da UNITA poderá implicar uma segunda volta entre os dois candidatos mais votados, alertou, ontem, em Luanda, o porta-voz do XIII Congresso Ordinário do partido.

Anastácio Ruben Sicato, que falava em conferência de imprensa sobre alguns aspectos do conclave, justificou a hipótese com o facto de que só poderá ser eleito à primeira volta quem conseguir 50 por cento dos votos mais um. “Se não conseguir, vamos ter que prolongar a votação para a segunda volta”, disse.

Caso nenhum dos candidatos obtenha 50 por cento dos votos mais um, esclareceu, os outros candidatos que nem sequer estiverem próximos para se submeterem a uma segunda volta poderão fazer declarações de apoio a outra candidatura.

dos cinco candidatos. Depois da morte de Jonas Savimbi, em 2002, Samakuva ganhou sempre folgadoamente os concorrentes. Foi assim no IX Congresso, quando derrotou o general

Durante a conferência de imprensa, Ruben Sicato garantiu que, depois do congresso, a UNITA vai sair mais forte do que nunca e não fragilizada, como algumas pessoas prevêem, com a justificação na mudança de direcção.

Um dos pontos mais altos do conclave, disse, será a apresentação, pelo presidente cessante, Isaías Samakuva, de um relatório dos últimos quatro anos, onde está resumido tudo aquilo que foi de mais relevante neste período. O documento será avaliado pelos 1.169 congressistas.

Além de delegados das 18 províncias do país, participam no congresso militantes radicados em países como Portugal, Espanha, Bélgica, Reino Unido, Holanda, Namíbia, República Democrática do Congo, Zâmbia, África do Sul e Estados Unidos.

Edna Dala

Lukamba Paulo “Gato”, então coordenador da Comissão de Gestão criada após a morte de Jonas Savimbi. A história repetiu-se em 2007, 2011 e 2015, com Abel Chivukuvuku, José Pedro Kachiungo e, novamente, Lukamba Gato e Abílio Kamalata Numa a serem os derrotados, nos X, XI e XII congressos, respectivamente.

A aprovação e adopção da estratégia da UNITA, a revisão dos estatutos, programa maior e símbolos do partido são alguns dos assuntos a serem discutidos no XIII Congresso. Mas, a eleição do novo presidente da UNITA é o principal ponto da agenda. A expectativa está em saber quem será o substituto de Samakuva e o terceiro presidente do partido.

Alguns analistas apontam para Alcides Sakala e Adalberto Júnior como os favoritos para a eleição. Mas um membro da organização juvenil do partido aconselha que não haja triunfalismos, alertando que este pode ser o congresso das surpresas.

Aqui chegados, apresentamos o perfil dos cinco candidatos à liderança da UNITA, referindo-nos, igualmente, ao posicionamento no boletim de voto.

Adalberto Costa Júnior

O deputado **Adalberto Costa Júnior**, que divide ao meio o posicionamento no boletim de voto, nasceu a 8 de Maio de 1962 em Quinjenje, província do Huambo. Antes de liderar o grupo parlamentar da UNITA, foi representante do partido em Portugal, Itália e Vaticano, secretário provincial em Luanda, secretário para a comunicação e marketing, porta-voz e secretário para o património do partido.

Formou-se em Engenharia Electrotécnica, pela Universidade do Porto, Portugal. Esta licenciatura foi colocada em dúvida pelos seus adversários, alegadamente pelo facto de o candidato nunca ter apresentado o diploma.

Além disso, a candidatura de Adalberto Júnior também tinha sido condicionada pela “Comissão de Mandatos” do congresso, pelo facto de, durante a formalização da

mesma, não ter apresentado a renúncia à nacionalidade portuguesa. Os estatutos da UNITA proibem a dupla nacionalidade, mas o candidato foi a tempo de apresentar uma certidão que comprovava que já não era cidadão português.

Adalberto Júnior promete, entre outros pontos, dar corpo ao projecto da Fundação Jonas Malheiro Savimbi, recuperar e ampliar o património do partido.

Como estratégia para o país, promete iniciar um “processo de negociação” com o Executivo, outros partidos e a sociedade civil para a revisão da Constituição, tornar a CNE numa “instituição independente, equidistante e credível”, “despartidarizar o aparelho do Estado” e levar a debate, com a sociedade civil, as linhas fundamentais da reforma do Estado.

FELIPE BOTELHO | EDIÇÕES NOVEMBRO



POSIÇÃO DOS CANDIDADOS A PRESIDENTE DA UNITA NO BOLETIM DE VOTO



Alcides Sakala

O deputado **Alcides Sakala Simões** é, a par de Adalberto Costa Júnior, um dos favoritos à eleição. O candidato, que completa 66 anos em Dezembro, é natural do Bailundo, Huambo. Diplomata de carreira, é licenciado em Relações Internacionais e mestre sobre Estudos europeus e africanos.

Brigadeiro na reforma, foi representante da UNITA nos Estados Unidos, Alemanha Federal, Portugal, Reino da Bélgica, junto dos países de Benelux, e na União Europeia, bem como presidente do grupo parlamentar.

Sakala é tido como o candidato da continuidade, pelo facto de a maior parte dos apoiantes de peso fazer parte da direcção cessante. Mas nega que esteja a ser apoiado por Isaías Samakuva. “O presidente cessante tem enco-

rajado todas as candidaturas. É um papel que ele faz bem, nesta perspectiva de procurar encorajar esse processo interno democrático”, diz.

Além de várias figuras da direcção cessante, Sakala conta com o apoio directo e aberto de familiares de Jonas Savimbi, como são os casos dos filhos Joss Savimbi e Tão Kangajo Savimbi, além do sobrinho Esteves Pena “Kamy”.

No seu manifesto eleitoral, cujo lema é “Unidade, integridade e acção para a vitória”, promete aprofundamento da democracia interna, diplomacia mais eficiente, valorização da mulher, prioridade à juventude, prestação de contas, assistência financeira aos recursos humanos do partido, mais atenção aos antigos combatentes e abertura às contribuições da sociedade.

SANTOS PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO



Raul Manuel Danda

O sorteio ditou que **Raul Danda** fosse o nº 2 no boletim de voto. Este candidato nasceu há 62 anos em Cabinda. É licenciado em Gestão de Empresas, mas notabilizou-se como jornalista da Vorgan (então rádio da UNITA) e, posteriormente, da Rádio Nacional de Angola, onde era locutor. Raul Danda é vice-presidente cessante da UNITA e deputado à Assembleia Nacional, onde já foi líder do grupo parlamentar.

Danda, cuja candidatura estava em vias de ser chumbada, devido à interpretação de uma das normas dos estatutos relativa aos anos de militância, acredita que, comparativamente aos outros candidatos, parte em vantagem, justificando a afirmação com o estatuto de vice-presidente cessante.

A necessidade de uma maior promoção e valorização da mulher e a participação dela nos órgãos de decisão e direcção, bem como a aposta na formação de quadros, em particular de jovens, estão entre as linhas de força deste candidato, cujo lema da campanha foi “Do passado ao presente, o testemunho para o futuro”.

Além da redução da composição do Comité Permanente da Comissão Política da UNITA, Danda manifesta, igualmente, a pretensão de fazer com que a participação da mulher a nível da UNITA atinja 45 por cento, com tendência de chegar à paridade. Justifica a posição com o facto de a maioria da população angolana ser do sexo feminino e por as mulheres também serem competentes.

NICOLAU VASCO | EDIÇÕES NOVEMBRO



José Pedro Kachiungo

DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO



O nº 1 no boletim de voto é **Estêvão José Pedro Kachiungo**. Com 56 anos, é o mais novo de todos os candidatos mas, curiosamente, o que mais tempo tem na direcção da UNITA: 39 anos.

Nascido no município de Kachiungo, província do Huambo, José Kachiungo é formado em Engenharia Geológica e fez uma segunda licenciatura em Ciências Políticas, além do mestrado em Administração Pública.

Entre as funções exercidas no aparelho do partido, destaca-se a de director do gabinete do presidente fundador, Jonas Savimbi, e de membro da missão externa. Actualmente, é deputado à Assembleia Nacional, onde ocupa o cargo de 1º

vice-presidente do grupo parlamentar. José Pedro Kachiungo, que concorre pela segunda vez à liderança da UNITA, depois de 2011, terá surpreendido alguns quando, em plena campanha, anunciou que não vai concorrer ao cargo de Presidente da República, caso seja eleito líder da UNITA. O candidato sustentou que o seu foco é a reestruturação do partido, para torná-lo mais robusto e poder, assim, vencer as primeiras eleições autárquicas no país, previstas para o próximo ano.

José Kachiungo promete, igualmente, dar mais atenção aos jovens. “O futuro de Angola vai passar pela energia, coragem e ousadia da juventude”, considera.

Abílio Kamalata Numa

José Augusto Abílio Kamalata Numa é o candidato nº 4 no boletim de voto. Natural do Cubal, província de Benguela, onde nasceu há 64 anos, volta a candidatar-se à liderança da UNITA, depois de, no último congresso (em 2015), ter sido derrotado por Isaías Samakuva.

General na reserva e um dos fundadores das Forças Armadas Angolanas (FAA), juntamente com o general João Baptista de Matos, Kamalata Numa compromete-se a transformar a UNITA num “partido pan-africano e moderno”.

Essa transformação, sublinhou, passa, igualmente, pela capacitação do partido para ganhar as próximas eleições gerais, em 2022, e estabelecer, assim, aquilo que chama de uma “nova ordem para Angola”.

Segundo o candidato, este congresso marca o fim de uma etapa política no partido e servirá para desencadear um novo ciclo, que responsabilizará a próxima liderança em dar maior celeridade ao movimento da mudança em Angola.

Abílio Kamalata Numa, um dos poucos no seio do partido que criticava aberta e directamente a liderança de Isaías Samakuva, referiu que a ausência de uma resposta à pergunta de Jonas Savimbi sobre a capacidade de mobilização “tem adiado a transformação da UNITA em partido de Governo nestes 53 anos de luta de resistência, oposição e materialização do Projecto do Muangai (princípios orientadores da UNITA), no âmbito do Pan-africanismo da Nova Ordem”.

KINDALA MANUEL | EDIÇÕES NOVEMBRO

